

MEMÓRIA, HISTÓRIA E EXPERIÊNCIA: TRAJETÓRIAS DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

VIEIRA, Maria Clarisse – UFMG – mclarissev@yahoo.com.br

GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n.18

Agência Financiadora: FAPEMIG

O presente texto discute os resultados de investigação que visava compreender as contribuições do legado da educação popular à área de educação de jovens adultos (EJA) no Brasil, por meio da análise das trajetórias pessoais e profissionais de educadores, cujos itinerários de vida se entrelaçam aos percursos históricos da EJA. A oportunidade de dialogar com sujeitos que participaram ao longo de sua trajetória de vida em movimentos ligados à educação popular nos fez optar pela metodologia de história oral. Como Verena Alberti (1989), acreditamos que a especificidade da história oral vai além do ineditismo de informações ou do preenchimento de lacunas deixadas pelos registros escritos ou iconográficos. Segundo essa autora (1989, p.5), a “peculiaridade da *história oral decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*”.

Falar de história oral é falar de um campo vasto, definido pelo entrecruzamento e contribuição de diferentes áreas de conhecimento. Trata-se de uma metodologia partilhada pela sociologia, antropologia, história, literatura, etc. A forma como é percebida determina em grande medida os procedimentos postos em prática pelo pesquisador e ilumina a condução do processo de pesquisa. Considerando que o registro oral não se restringe a buscar informações, mas busca perceber o significado dos acontecimentos no âmbito subjetivo da experiência humana, a visão que mais se aproximou das escolhas e percursos delineados nesta investigação é aquela que concebe a história oral como uma metodologia¹. Desse ponto de vista, a fonte oral é considerada elemento central no processo de pesquisa. Embora o pesquisador possa vir a usar outros tipos de registros, estes se subordinam ao debate central decorrente das fontes orais. No entanto, para valorizá-las metodologicamente, o pesquisador centra sua atenção, desde a elaboração do projeto, nos critérios de recolhimento da entrevista, processamento e transcrição; enfim, as etapas que envolvem a criação documental.

¹ A discussão sobre o estatuto da história oral pode ser sintetizada em três grandes visões: a primeira defende ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira, uma metodologia. Conferir AMADO e FERREIRA (1998).

No tocante aos grandes ramos da história oral, optamos pela história oral de vida com recorte temático². Nessa abordagem, busca-se mesclar dados objetivos fornecidos pelo entrevistado a aspectos vivenciais relacionados à sua trajetória, centralizando o depoimento em sua participação no evento ou problema que se pretende compreender. Dessa maneira, a incorporação da trajetória do narrador permite esclarecer aspectos relacionados ao tema, conferindo maior vivacidade ao relato, porque tais aspectos são vistos a partir da experiência de vida do narrador.

Uma etapa importante neste estudo foi o estabelecimento de critérios para a escolha dos sujeitos que participariam da pesquisa. O primeiro critério foi a densidade da experiência pessoal e profissional. Optamos por estudar os relatos de educadores cuja trajetória se identifica/se “mistura” com a própria constituição dessa área. Essa escolha teve como objetivo captar o movimento dialético de construção da EJA, por meio do registro do percurso de vida, do processo de formação e da prática educativa desses educadores, ao longo do tempo. O final dos anos 50 e o início dos anos 60 constituem um período fértil e de intensa militância política na educação. Durante esse momento foram desenvolvidas experiências dirigidas a pessoas adultas excluídas da escola, por meio de associações estudantis, agências da Igreja Católica, sindicatos e embriões de movimentos populares. Considerando que o ideário construído em torno da educação popular, gestado nesse período, possui uma influência importante na conformação do campo da educação de jovens e adultos, optamos por entrevistar educadores que tivessem vivenciado essas experiências. O segundo critério estabelecido é que esses educadores ainda deveriam estar atuando, direta ou indiretamente, na educação de jovens e adultos, seja na docência, na formação de educadores, na assessoria a projetos e movimentos educacionais ou na formação de pesquisadores. O terceiro critério diz respeito à diversidade de experiências que constitui esse campo. Nesse aspecto, optamos por investigar educadores com diferentes trajetórias, inserções e experiências na EJA, a fim de apreender a diversidade bem como a particularidade dos diferentes percursos de formação e transformação que cercam a trajetória destes educadores.

Esse conjunto de critérios nos conduziu a uma rede formada por educadores que participaram em sua juventude de movimentos de educação e cultura popular, e que

² De um modo geral, a bibliografia divide a história oral em três grandes ramos: história oral temática, tradição oral e história oral de vida. Conferir José Carlos Sebe Bom MEIHY **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

ainda atuavam na educação de camadas populares em espaços diversificados de trabalho, em diferentes lugares do País³.

Para a realização das entrevistas, estabelecemos um número mínimo de 5 e um número máximo de 8 narradores. O número estabelecido deve-se à opção em trabalhar com história de vida com recorte temático. Com base nos critérios estabelecidos, criamos uma lista de possíveis colaboradores, observando-se a contribuição que sua narrativa traria a este estudo. Após cruzarmos os critérios entre si, chegamos a seguinte relação:

Nome do educador	Idade na época da entrevista	Cidade/Estado de Origem	Formação inicial	Espaço atual onde trabalha
Renato Hilário	57 anos	Pedro Leopoldo-MG	Filosofia	UNB
Aída Bezerra	64 anos	Recife (PE)	Serviço Social	ONG Sapé -RJ
Osmar Fávero	70 anos	São Paulo (SP)	Matemática	UFF
Vera Barreto	Mais de 60 anos	Belo Horizonte-MG	Pedagogia	ONG Vereda -SP
José Carlos Barreto	Mais de 60 anos	São Paulo (SP)	Ciências Sociais (incompleto)	ONG Vereda -SP

O primeiro sujeito selecionado, Renato Hilário, é professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e atuava, na época da entrevista, há 15 anos como coordenador do Projeto Paranoá⁴. Na segunda e terceira entrevistas, ouvimos os relatos de dois educadores que participaram em sua juventude do Movimento de Educação de Base (MEB), criado pela CNBB, a partir de 1961: Osmar Fávero e Aída Bezerra. Os dois últimos entrevistados – Vera e Zeca Barreto atuaram, em 1963, numa experiência de alfabetização de jovens e adultos em Vila Helena Maria, Osasco – SP, uma das

³ Abre-se uma exceção ao primeiro entrevistado, Renato Hilário, que, embora, não tenha participado das experiências de cultura e educação popular durante os anos 1960, ao longo dos anos 1970 atuou em atividades ligadas à educação popular, direcionando, posteriormente, sua trajetória profissional à educação de jovens e adultos de camadas populares. Outro motivo de sua escolha foi a existência de uma convivência profissional anterior, o que facilitou o acesso e a disponibilidade na investigação.

⁴ Esse projeto, existente desde 1986, desenvolve trabalhos ligados à alfabetização de crianças, jovens e adultos de camadas populares, por meio de uma parceria entre Universidade de Brasília e movimentos da sociedade civil. Sua prática educativa é “marcada por uma intencionalidade: ensinar a ler, a escrever, a calcular, discutindo e buscando solução para os problemas do Paranoá” (Reis, 2000).

primeiras experiências a recriar fora do Nordeste o Método Paulo Freire que, naquele momento, começava a despontar na sociedade brasileira.

Adotamos uma variação intermediária em relação às entrevistas diretivas e não-diretivas, propondo uma alternativa entre os questionários temáticos e as entrevistas livres. Inicialmente explicávamos o tema da pesquisa, solicitando que relatassem a trajetória anterior à inserção na EJA. À medida que a narrativa fluía, ouvíamos atentamente e interrompíamos somente quando víamos necessidade de um maior aprofundamento do assunto ou quando sentíamos que uma pergunta já havia se esgotado e que o narrador demandava outra questão. Foram feitas duas questões de corte a todos os entrevistados sobre as heranças que a educação popular havia trazido para o campo da EJA e como se viam hoje na profissão que escolheram.

À experiência da entrevista, sobreveio uma fase na qual foi necessário transpor o discurso oral para o discurso escrito. Para o trabalho de transcrição, foram fundamentais as recomendações presentes nos estudos de Meihy (2002), Gattaz (1996) e Alberti (1989). O resultado de todo esse processo é um texto elaborado a várias mãos. Foi com base nesse rico material que se tentou analisar, levando-se em consideração a vida e a experiência de sujeitos específicos (educadores), elementos que ajudem a compreender as contribuições da educação popular para a história da EJA.

Contextos, histórias e experiências: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil.

A análise das entrevistas revelou que embora cada trajetória tenha sua singularidade, há traços comuns que as aproximam entre si. Nascidos entre meados da década de 1930 e nos anos 1940, essa geração cresceu durante o Estado Novo e pôde presenciar o clima de liberdade de manifestação política aberto pela Constituição de 1946 e as mudanças sociais advindas com o nacional-desenvolvimentismo. Nesse período, a sociedade brasileira passou por significativas modificações: observou-se um intenso processo de industrialização e urbanização com grande repercussão na organização e mobilização da sociedade em torno de lutas por direitos sociais; reformas políticas e educacionais, além de outras mudanças, situadas no quadro internacional capitalista e suas crises, tais como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

A análise das entrevistas mostrou as circunstâncias que levaram esses educadores a se engajar em movimentos educacionais e políticos, solidarizando-se e comprometendo-se com a organização das lutas populares. Destaca-se a inserção

religiosa como um dos fatores que levou alguns desses educadores a optar pela educação de camadas populares⁵. A inserção religiosa conduziu à descoberta das exigências de um engajamento social e de uma prática política, trazendo uma revisão crítica da própria prática religiosa. À medida que aprofundavam sua militância política e examinavam a realidade brasileira com novos instrumentos de análise, aumentava-se a distância em relação às práticas religiosas, sociais e políticas usuais no meio eclesial mais amplo. A aproximação com outros movimentos estudantis não-católicos, aliada ao contato direto com a realidade social, resultou no envolvimento em ações políticas que iam de encontro ao controle que a hierarquia católica desejava manter. De um modo geral, tal mudança não resultava apenas da reflexão individual ou do estudo coletivo com seus pares, mas provinha das práticas sócio-político-educativas desenvolvidas nos movimentos sociais e do contato direto com as camadas populares.

No começo dos anos 1960, esse grupo de educadores vivenciou experiências importantes de nossa história, atuando em diversos movimentos de cultura e educação popular. É importante registrar que a trajetória da educação brasileira e, nela, da EJA, tem vicissitudes já amplamente estudadas por alguns pesquisadores (Paiva, 1973; Beisiegel, 1974; Haddad, 1991, Fávero, 1983). Parte dessa história se imbrica à educação popular, que tem em Osmar Fávero, Aída Bezerra, José Carlos Barreto⁶, Vera Barreto e Renato Hilário, dentre outros, seus protagonistas ativos até os dias atuais. História que conduz Paulo Freire ao desenvolvimento de sua “Pedagogia do Oprimido” e que se conecta às transformações ocorridas no pensamento pedagógico em decorrência das condições gerais que perpassavam o contexto social dos anos 1960, marcado pelo nacional-desenvolvimentismo e radicalização do processo político.

Naquele momento, emergem diversas experiências de educação voltadas para as camadas populares, organizados por diferentes atores, que possuíam graus variados de ligação com o aparato governamental e que tinham em comum o desejo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Tais movimentos preconizavam a necessidade de se promover uma educação de adultos crítica, voltada à transformação social e não somente à integração da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas. O paradigma pedagógico que então se produzia apregoava o diálogo como princípio educativo e a assunção, por parte dos

⁵ A maioria desses educadores atuou em movimentos ligados à esquerda católica, tais como a JUC, JEC, JIC e AP.

⁶ Durante a elaboração deste texto, tivemos a notícia que o educador José Carlos Barreto (Zeca) havia falecido, em fevereiro de 2007.

educandos adultos, do seu papel como sujeitos de aprendizagem, produtores de cultura e agentes da transformação social.

Tais movimentos operaram também um salto qualitativo na educação de adultos em relação às campanhas anteriormente desenvolvidas pela União. O fato que os tornava radicalmente diferentes era o compromisso político explícito, assumido com os grupos oprimidos da sociedade e sua orientação direcionada à transformação das estruturas sociais. Grande parte dessas experiências era desenvolvida por instituições da sociedade civil com o apoio do Estado, em suas diferentes estâncias. Dentre eles, se sobressaem o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; os Centros Populares de Cultura, da UNE; o Movimento de Cultura Popular, da Prefeitura de Recife; A Campanha de Educação Popular, da Paraíba (CEPLAR), a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Prefeitura de Natal, etc. Destaca-se a experiência de alfabetização de Paulo Freire, inicialmente desenvolvida no MCP de Recife e sistematizada no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, que se expandiu para fora do Nordeste, culminando na elaboração do Plano Nacional de Alfabetização.

Muitos dos educadores que participaram deste estudo tiveram seu aprendizado durante a fase desenvolvimentista e, mais intensamente, na crise política subsequente. Tanto Aída Bezerra quanto Osmar Fávero tiveram, no Movimento de Educação de Base, a sua grande entrada na educação popular. Por caminhos diversos, que depois se confluíram, Zeca e Vera Barreto beberam na fonte do pensamento freireano, participando de uma experiência de alfabetização ocorrida em Osasco, em 1963. Embora Renato Hilário não tenha passado pelas experiências de cultura popular durante os anos 1960, ao longo dos anos 1970, atuou em atividades ligadas à educação popular, direcionando, posteriormente, sua trajetória profissional à educação de jovens e adultos de camadas populares.

Resguardadas as singularidades de cada percurso, destacamos como descobertas realizadas, nessa época, por esses educadores, a crença na capacidade de pensar do povo, a importância da participação popular, o diálogo como ponto de partida na relação educador/educando, a aprendizagem como ato criativo do sujeito que aprende, a compreensão da escrita como objeto cultural, a educação como ato político, etc. Marcas que se integrariam às práticas de educação de adultos, inaugurando uma nova forma de compreender a relação educativa. Constata-se o quanto foi significativo para esses educadores ter participado das experiências educativas que emergiram neste período. A

descoberta do caráter político da educação constitui-se uma das grandes descobertas por eles realizadas. Educação de base, alfabetização de adultos, cultura popular são nomes que foram surgindo e sendo re-significados em meio a experiências educativas com enfoques diferenciados, mas cujo objetivo comum era o desejo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Motivado pelo projeto hegemônico e impulsionado pelo compromisso ético e político de transformação social da realidade brasileira, promoveu-se neste período uma intensa mobilização da sociedade civil em prol da educação de adultos.

Com o golpe de 1964 e a violenta repressão empreendida pelos governos militares, os grandes movimentos e experiências de educação e cultura popular, que existiam antes de 1964, acabaram por desaparecer ou desestruturar-se. A fim de preservar a ordem instituída, as liberdades políticas foram cerceadas, reprimindo-se a mobilização e as diversas formas de ação popular presentes na sociedade. Os líderes e organizadores dessas experiências foram perseguidos e alguns exilados do País. Ao rememorar esse momento Aída Bezerra afirma:

Os grandes movimentos tinham sido todos castrados. O MEB, o MCP e outros. O MEB continuou existindo debaixo de um controle rígido e com seu espaço de atuação muito reduzido. O grande MEB Nacional morreu. Uma equipe nacional que substituiu à anterior ainda tentou manter a chama viva durante algum tempo, mas depois foi demitida. O MCP, sob intervenção. Os sindicatos, sob intervenção, foram sendo transformados em órgãos de assistência.

Contudo, esses fatos não impediram que Paulo Freire continuasse, mesmo no exílio, a desenvolver sua trajetória, por meio de uma prática de alfabetização libertadora. Da mesma maneira, os educadores – sujeitos deste estudo – resistiram e reinventaram suas práticas. Embora a conjuntura brasileira dos anos 1970 tenha se caracterizado pelo fechamento político e institucional, algumas experiências voltadas à alfabetização e pós-alfabetização, inspiradas pelo pensamento freireano, sobreviveram e outras emergiram nesse período. Sob a vigência do AI5 e no auge do denominado Milagre econômico brasileiro, eclodiram iniciativas educativas em diversos lugares do Brasil. De modo geral, tais experiências eram desenvolvidas no interior de projetos sociais da Igreja Católica. Ao retomar os princípios freireanos de conscientização e diálogo, essas experiências visavam a formar sujeitos conscientes da realidade social e das desigualdades geradas com base em uma sociedade de classes. Inspirada no Concílio Vaticano II e nas recomendações de Medellín e Puebla, a ala progressista da

Igreja Católica se engajava nas lutas populares, fortalecendo suas organizações, por meio da cessão de espaços e da formação de educadores populares.

Um traço que caracterizou as trajetórias dos educadores foi a resistência ao Estado autoritário e às iniciativas educativas que dele advinham, concomitantemente a uma busca por criar alternativas fora do sistema escolar estatal. O depoimento de Aída Bezerra evidencia o movimento de resistência que se produzia na sociedade brasileira:

“No que tange à repressão, 1970 a 1973 foi um período pesadíssimo. De qualquer maneira, conseguíamos nos mover dentro dessa área em que eu estava trabalhando. No segundo ano, já éramos duas no quadro da pesquisa e podemos verificar que muita coisa sobreviveu à sombra das Igrejas, que eram as únicas instituições que tinham força para enfrentar a repressão. Muitas das iniciativas no campo da educação popular encontraram abrigo na Igreja Católica, essa velha e sábia senhora. Ações educativas vinculadas ao mundo dos trabalhadores continuaram a resistir ou se recriaram sob outros títulos, no sul, no nordeste. Elas resistiram”.

Nas narrativas de Vera e Zeca a presença da Igreja Católica é uma referência importante. Além de comungarem um passado de Ação Católica, especificamente na JEC, tiveram a oportunidade de participar, no início dos anos 1960, em Osasco, de uma experiência de alfabetização de adultos inspirada nos princípios freireanos. Acreditando na possibilidade de mudar o País, trabalharam intensamente para construir uma sociedade pautada na igualdade e na justiça social. No entanto, com o golpe militar suas esperanças foram cortadas. O fechamento político e a violenta repressão lhes impuseram um longo silêncio, fazendo com que recolhessem *“as amarras e as velas”*. A partir da segunda metade dos anos 1970, com o arrefecimento da repressão e a movimentação que se operou na sociedade civil retomam as atividades em educação popular. Se na década de 1970, fizeram sua reaproximação com a educação popular por meio de experiências que recriavam o pensamento freireano e se inspiravam na Teologia da Libertação, na década de 1980 retomaram os contatos com Paulo Freire, traçando uma trajetória conjunta com este educador⁷.

Apesar da importância que a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base tiveram em dar a acolhida inicial aos movimentos de resistência à ditadura militar e à organização dos novos movimentos sociais, o exame das narrativas dos

⁷ Após o retorno de Paulo Freire do exílio, Vera e Zeca Barreto foram convidados para atuar no Instituto de Ação Cultura (IDAC), que era uma instituição fundada, na Suíça, por Freire e um pequeno grupo de brasileiros. Posteriormente, criaram junto com Freire, o Centro de Estudos em Educação- Vereda.

diferentes educadores indica a perda relativa da importância da Igreja Católica, por meio do deslocamento desse espaço institucional em direção à criação de centros de educação popular. Enquanto Osmar e Renato vão para universidade, Zeca, Vera e Aída ajudam a criar e desenvolver diversos centros de educação popular, que mais tarde passariam a se denominar organizações não-governamentais (ONGS). O surgimento de diferentes instituições que lutavam em defesa dos direitos humanos e pela promoção de iniciativas de educação popular sinaliza um deslocamento de “lôcus”, oriundo da necessidade de criar espaços de atuação autônomos, em relação à influência da hierarquia católica.

Embora o governo militar tenha equacionado o seu papel na educação de adultos por meio de políticas sociais de caráter contraditório, tais como o MOBRAL e o ensino supletivo, irrompiam na cena pública inúmeros grupos populares que reivindicavam seus direitos, a começar pelo direito de reivindicar direitos. Ao tentarem superar as diversas formas de opressão existentes na sociedade, esses sujeitos coletivos perceberam que mais do que reivindicar favores e benesses do Estado, numa relação clientelista, era necessário reconhecer-se como um sujeito de direitos e de deveres. Dentre os direitos a serem conquistados, a alfabetização de jovens e adultos se colocava como algo necessário ao próprio fortalecimento da luta coletiva e ao exercício da cidadania plena.

A redemocratização da sociedade brasileira possibilitou a ampliação das práticas pedagógicas de EJA. Experiências promovidas pela sociedade civil baseadas nos pressupostos da educação popular ganharam visibilidade, influenciando programas desenvolvidos em comunidades e na rede pública de ensino. De certo modo, essas modificações aparecem entremeadas ao discurso dos educadores que aceitaram o desafio de reconstruir suas memórias.

Salas de espelhos: como os educadores vêm as contribuições do legado da educação popular e suas próprias trajetórias

Um dos objetivos deste estudo fora compreender algumas contribuições que o movimento de educação popular trouxe para as experiências de educação de jovens e adultos. Com base na análise das entrevistas, é possível afirmar que a presença da educação popular persiste como referencial pedagógico e político de vários trabalhos de educação de jovens e adultos, realizado por um número incontável de entidades e de

peças, de Norte a Sul do Brasil. Além de fundamentar a identidade de diferentes organizações e movimentos sociais em todo país, o ideário da educação popular ressurge de uma maneira crescente e diferenciada em programas de políticas educacionais de vários municípios e até de alguns estados da federação.

Grande parte dos educadores que participou desse estudo afirmou que a EJA herdou muito da diferença de atitude das iniciativas educativas que foram experimentadas fora do controle do Estado. De um modo geral, eles destacam a influência do pensamento freireano, embora reconheçam que nem sempre este seja bem traduzido nas práticas educativas. Salientam o caráter ampliado de educação, não restrita ao espaço escolar; a postura dialógica como atitude fundamental na relação educadores/educandos; o respeito ao saber popular, tomado como ponto de partida na ação educativa.

Ao buscar escavar na memória as marcas que o movimento de educação popular trouxe à EJA, a educadora Aída Bezerra recupera os significados das experiências de cultura popular dos anos 1960, afirmando que *“é esse cunho político que marca a constituição, nessa época, do campo da educação de jovens e adultos: a democratização da cultura, o desenvolvimento da capacidade de se organizar para intervir e lutar pelos seus interesses; e a alfabetização entra como uma arma importante de inserção no campo de luta. É quando a educação dirigida aos setores populares começa a deixar de ser filantrópica, porque, muitas vezes, mesmo como iniciativa do Estado, essas intervenções tinham esse cheiro de filantropia, feita um pouco das sobras, mantendo muito do estilo de campanha”*.

Segundo Aída, a EJA herdou muito da diferença de atitude das iniciativas educativas que foram experimentadas fora do controle do Estado. *“Mesmo hoje, quando você trabalha na formação de educadores de jovens e adultos, você sente o cheiro de militância desse professorado. É quase uma paixão pelo campo de trabalho. Não tem como fugir desse clima político porque, em última análise, o educador está trabalhando com pessoas que estão nas fronteiras das decisões de suas vidas. São chefes de família, são profissionais, vinculados a grupos, a movimentos, com vários pertencimentos. Portanto, têm uma experiência acumulada, uma agenda de tempo preenchida”*.

Ao ser perguntado sobre o que considera que a EJA recebeu como herança da educação popular, Osmar Fávero retoma parte das reflexões que fez quando realizava a pesquisa “Juventude, escolarização e poder local”, coordenada pela Ação Educativa nas regiões metropolitanas de nove estados brasileiros, no período de 2004 a 2005. Ele nos

conta que, ao finalizar os relatórios desse estudo, um grupo de pesquisadores começou a fazer perguntas sobre como a educação popular havia influenciado as experiências de EJA, e o que as diferenciava do ensino supletivo da Lei 5692/71. Ao tentar refletir sobre essas questões, Osmar assinala que, no que tange às heranças da educação popular, algumas características são evidentes: *“a insistente referência à pedagogia de Paulo Freire, embora nem sempre bem traduzida nas práticas educativas; a postura de diálogo como atitude fundamental na relação educadores/educandos; o respeito ao saber popular – de experiência feito, como diz Paulo Freire - tomado como ponto de partida na ação educativa; e, claro, a dimensão política da educação, hoje expressa como direito de todos à uma educação de qualidade”*.

Outra referência apontada pela educadora Aída Bezerra diz respeito à dimensão política presente na EJA e na educação popular, de forma mais ampla. Segundo ela, *“Na verdade, a educação tem essa dimensão política. Você precisa de dispositivos de articulação, descortinamento, criação de redes, de movimentos. Precisa de dispositivos que estimulem, recolham e sistematizem a prática”*.

Essa característica também é indicada por Miguel Arroyo (2005) como um dos legados que a educação popular trouxe à EJA. Segundo ele, a visão política se materializa na forma como na EJA interpreta-se os percalços escolares dos educandos, ou seja, eles não são vistos de maneira isolada, mas conectados *“às trajetórias sociais, econômicas, culturais, éticas a que nossa perversa história vem condenando os setores populares”*. Arroyo enfatiza que ver os educandos jovens e adultos de camadas populares *“como oprimidos será um olhar mais politizado do que vê-los como pobres, preguiçosos ou violentos, ou como reprovados e defasados”* (idem, p. 40).

Zeca, Osmar, Vera, Aída e Renato. Educadores que fizeram da educação popular mais do que uma opção profissional, fizeram dela um compromisso de vida. Ao chegar no *“outono de suas vidas”*, a maior parte desses educadores mantém aceso o espírito da militância. Um vigor adensado pelos anos de experiência na área de educação. Eles se encontram no ápice de sua experiência, possuindo uma memória vivaz e uma visão da EJA digna de ser lembrada e refletida. Mas como será que tais educadores vêm suas próprias trajetórias? Passados mais de 40 anos, como se percebem nas escolhas que fizeram? Quais os significados que atribuem ao envolvimento que tiveram nas diferentes práticas político-pedagógicas que vivenciaram ao longo de suas vidas.

Ao analisar as experiências que vivenciou, Zeca revela que encontrou sua vocação, embora considere que os resultados do trabalho estejam diluídos. Embora não se arrependa de ter feito essa opção, assinala que *“seguramente esperava mais do produto do trabalho. Eu achei basicamente a minha vocação. Descobri em 1960 que era minha vocação, tanto que eu estou quase condenado a ela. (...) um pouco pessimista, mas acho que essa é a minha vocação. Eu sinto frustração, pois o produto dessa vocação é muito diluído, complicado”*.

Vera assinala que sua atuação na área da educação foi algo que marcou bastante sua vida. O fato de ter participado de diferentes experiências, em diversos momentos de nossa história, a possibilitou perceber como a própria educação popular foi se reconfigurando. *“Eu acho que vivemos uma época muito interessante, vimos diferentes momentos. Vimos a educação popular nascendo ali nos grupos universitários: essa preocupação popular. Depois vimos, nos anos 70 e 80, isso chegando aos próprios grupos populares, quer dizer o educador, que era aquele universitário privilegiado, passou num dado momento a ser um educador popular, aquele que vive ali no próprio local e vive as conseqüências disso para o próprio trabalho. Depois começamos nesse período a ver a redemocratização e a entrada das redes públicas agora mais com educadores que são formados pela escola que tem aí, pelos cursos de magistério, cursos de pedagogia. Muda-se o perfil: não é mais educador popular, não é mais aquele universitário que fazia engenharia, medicina, arquitetura, pedagogia, mas é o professor formado, eu acho que isso é interessante. Começamos a ver aí uma outra mudança que é uma certa desvalorização da escola pública e isso vai mudando o perfil desse educador. Eu diria que esse perfil hoje é daquele educador popular que está dentro da escola com os certificados dos cursos de magistério e faculdades que existem por aí”*.

Além de acompanhar as modificações que foram se dando na educação e na sociedade, é preciso reiterar que Vera e Zeca não ficaram na posição de meros observadores. Eles se colocaram como partícipes nesse processo. Desde os anos 1960 estiveram envolvidos com as questões da alfabetização e da cultura popular. Nos anos 1970, engajaram-se nos movimentos de resistência e educação popular. E assim foram traçando sua trajetória, fazendo da opção pela educação popular o seu projeto de vida: um percurso profissional. Ao tentar “acertar as contas” com esse passado, Vera nos conta que foi interessante *“ter percorrido esse caminho, ter visto as instituições que mais promoviam: havia os diretórios acadêmicos, os movimentos estudantis como a*

UEE e UNE, que eram incentivadoras desses processos. Depois vimos a teologia da libertação como a incentivadora desse processo e hoje vemos muito mais as prefeituras e secretarias, criando convênios e fazendo parceria com a sociedade civil”.

Essa educadora assinala ter sido interessante presenciar esse ciclo de transformações, acompanhando as permanências e mudanças na área: *“eu acho que vivemos períodos bastante ricos em torno dessa questão de educação popular, que foi exatamente essa época. Agora, hoje, há coisas que são interessantes até de outros países, que vivem em outros momentos e outras circunstâncias. Não sabemos muito por onde vamos, essa é uma questão, mas é um desafio que vale a pena viu”.*

Ao refletir sobre as experiências que lhe marcaram, Aída revela ter sido no MEB que descobriu o caráter político da educação e o sentido da educação para a sociedade. Ela nos conta que não é possível passar incólume por todas essas histórias. Declara que se tornou uma educadora por convicção. Referindo-se à sua inserção na educação popular, salienta que *“muitos de nós, que viveram essa mesma experiência, se envolveram com outras profissões, puderam fazer outras escolhas. Eu não consegui. Virei uma educadora por convicção. Gosto de fazer isso. É meu mundo profissional. É onde eu acho que faço alguma coisa que tenha sentido”.*

Ao refletir sobre os aspectos e/ou momentos que marcaram sua trajetória, Osmar Fávero recupera fragmentos do seu percurso, afirmando que sua prática profissional sempre foi na área da educação de jovens e adultos. *“Minha prática profissional, desde o MEB e o IBRA/INCRA e quando lecionei nos mestrados, sempre foi com jovens e adultos”.* Ele nos conta que no IESAE e na PUC-Rio atuou especificamente na pós-graduação, só assumindo turmas de graduação quando foi admitido na Universidade Federal Fluminense, por concurso de professor titular, em 1994”.

Uma das ações que ressalta como importante foi a pesquisa que fez sobre a memória dos movimentos de cultura popular, da qual nasceu sua tese de doutorado e uma série de estudos acerca dessas iniciativas educacionais. *“No IESAE, nos anos 1970, coordenei uma ampla pesquisa financiada pelo CNPq, coletando e analisando o material produzido, no começo dos anos 1960, pelos movimentos de cultura e educação popular, dispersos pela censura, pelas perseguições e prisões. Eu e Luiz Eduardo Wanderley, da PUC/SP, estávamos fazendo nossas teses sobre o MEB, trocamos material e nos ajudávamos mutuamente. Vários de meus orientados, no IESAE, fizeram suas dissertações sobre o MEB e sobre o Projeto SACI, que sucedeu o MEB/Maranhão.*

A tese de Luis Eduardo e praticamente todas essas dissertações orientadas por mim foram transformadas em livros”.

Osmar assinala que deu continuidade a esse trabalho, acrescentando ao acervo materiais produzidos pela Cruzada ABC, pelo MOBREAL e atualmente pelo MST, CUT, MOVAs e por algumas secretarias de educação. *“Esse acervo de cerca de 500 materiais (impressos, fotos, vídeo, CD-ROM), algumas cópias raríssimas (como os conjuntos de slides da experiência de alfabetização de Paulo Freire em Angicos e do Plano Nacional de Alfabetização) está organizado e tem servido de apoio às aulas dos professores que trabalham com educação de jovens e adultos na graduação, nos cursos de especialização, assim como no mestrado e no doutorado”.* Osmar nos conta que quando assumiu a disciplina História da Educação da EJA em um curso de especialização da UFF, em 1998, apresentou e discutiu o histórico de cada movimento, elaborando o material didático com a documentação produzida por cada respectivo movimento. *“O grupo de alunos batizou essas atividades como “aulas-show”. Em futuro próximo, quando arrumar tempo e recursos para isso, pretendo disponibilizar todo esse material em um CD-ROM”⁸.* Ao conectar suas memórias com seus projetos de futuro, realizando um “acerto de contas” com esse passado, Osmar revela que *“há coisas que a gente faz profissionalmente, gostando mais ou menos; há outras que se faz como hobby, nesse caso, essencialmente por gosto. No meu caso, em educação de jovens e adultos consegui juntar as duas coisas”.*

Ao analisar os significados de ter se envolvido na educação de jovens e adultos, Renato Hilário, destaca o seu compromisso de vida com os seres humanos que buscam essa formação, afirmando que trabalhar na EJA é uma maneira de não perder sua identidade. *“Esses seres humanos representam o meu compromisso de vida. Toda a minha energia política, mística, religiosa, pedagógica, epistemológica está colocada a serviço da melhoria das condições de vida das pessoas e, particularmente, daquelas mais pobres deste país ou do mundo. Estar com essas pessoas é alimentar esse compromisso. Estar com essas pessoas e elas estarem comigo é aprender a avivar e inclusive me exercitar no aprendizado de como contribuir com essa perspectiva de superação dos problemas que estas pessoas enfrentam. É como diz São João da Cruz: a vida é para ser vivida com alegria e não com tristeza. A felicidade é para ser encontrada aqui na terra. E todas as pessoas têm direito à felicidade. Na lógica do*

⁸ É importante registrar que, na atualidade, Osmar Fávero tem disponibilizado tempo e já está organizando esse material em DVD e CD Rom.

capitalismo, são essas pessoas que mais sofrem (...) Estar com essas pessoas é uma forma de eu não me perder, de eu manter a identidade”.

Ao analisar o conjunto de significados que esses educadores atribuem ao seu envolvimento na educação popular, verifica-se o quanto foi relevante terem participado dessas iniciativas. O envolvimento com a educação popular, de forma mais ampla, e com a EJA representa um compromisso político, ético, existencial e místico: algo que os impregna, e do qual não conseguem mais abandonar. “Descobri minha vocação”, diz Zeca; “sou educadora por convicção”, afirma Vera; “uma forma de manter a identidade e não me perder”, revela Renato. Lembranças e imagens. Memórias do passado e do futuro. Compromisso político e existencial. Encontro nas memórias de Zeca, Osmar, Aída, Vera e Renato parte da minha trajetória e da trajetória de muitos educadores que acreditam, sonham e lutam por um mundo mais humano. Tais educadores continuam a inscrever suas histórias ao compartilhar suas memórias e nos revelar a história da EJA vista pela ótica de quem a fez e de quem a continua fazendo...

Considerações finais:

Ao finalizar este texto, podemos afirmar que o estudo da memória e da experiência desses educadores permitiu uma visão mais positiva acerca das possibilidades do campo educativo da EJA, concebendo-o para além de uma sucessão de políticas descontínuas e conjunturais. As narrativas de Vera, Renato, Aída, Osmar e Zeca reafirmam a fecundidade da história da EJA, construída nas fronteiras entre as iniciativas dos movimentos sociais e das instituições governamentais. Eles nos mostram o quanto essa área se encontra comprometida com a superação das diferentes formas de discriminação e exclusão existentes em nossa sociedade e nos revelam a opção clara e prioritária pelos setores sociais em condições de marginalidade econômica e desigualdade social. Os percursos desses educadores se misturam à própria história da educação popular no Brasil: histórias de lutas, de resistências, de sonhos e de utopias. Marcas inscritas na memória de educadores que ajudam a escrever/inscrever uma história tão minha quanto de outros educadores brasileiros que, como eu, não abrem mão da utopia e fazem da esperança o “tempero” necessário à construção de um mundo mais humano.

Bibliografia Citada

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

AMADO, J. e FERREIRA, M de M. (1998) apresentação in: **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ARROYO, Miguel Educação de Jovens e Adultos - um campo de direitos e de responsabilidade pública in: SOARES, L. et ali (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular: Um estudo sobre a educação de adultos**. São Paulo: Pioneira, 1974.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1983.

GATTAZ, André. **Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo: Xamã, 1996.

HADDAD, Sérgio **Estado e educação de adultos (1964-1985)** (tese de doutorado) São Paulo: USP, Faculdade de educação, 1991.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral** São Paulo: Loyola, 2002

PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos**. 4ª ed. São Paulo: edições Loyola, 1973.